

AS MUITAS FACES DO HOMEM DUPLICADO NA PÓS-MODERNIDADE

Prof^a Doutoranda Madalena Machado (UNEMAT-FAPEMAT/UFRJ)

O romance de José Saramago, *O homem duplicado* (2002) apresenta uma visão do ser humano na contemporaneidade propícia de atenção analítico-filosófica. O professor de História que se transforma na própria história por se fazer, problematiza a identidade esparsa ao longo da narrativa. As muitas faces daí resultantes corroboram na configuração do homem na Pós-modernidade que, de acordo com nossa abordagem, ressaltam as máscaras do sujeito individual. Com a perda de espaço e a ausência do sentimento, o ser fictício movido por uma espécie de euforia por saber de si nos auxilia no traçado humano, uma vez desintegrada a subjetividade.

O ator Daniel Santa-Clara que dá vida a António Claro, objeto de uma busca frenética, sucumbe ao final da história antes, porém, se torna motivo desencadeador de reflexões acerca da vida, do papel desempenhado por cada um. O objetar de ambos, frente à primazia do outro, já que são iguais na aparência, leva-os a entrar no mundo das dúvidas, das imensas interrogações. Ao indagar sobre o maior enigma de suas vidas, os personagens compactuam com a porção ainda não desvendada da existência humana. No início do romance parece-nos corriqueira e banal a vida do professor secundarista. Encontramos nessa primeira impressão elementos capazes de inúmeras assertivas, afinal, quem é Tertuliano, Daniel, António? Por que Tertuliano se transforma em Daniel e António em Tertuliano? O empenho em descobrir quem nasceu primeiro supera a busca de uma explicação científica para a situação. No intuito de se conhecer por meio daquele “eu” misterioso, o Daniel também sem identidade real, juntamente com Tertuliano e António despertam a fim de um entendimento mais amplo de si mesmos. Iguais até nas marcas de nascença, os duplos e não gêmeos revelam-se unos quando querem conhecer um ao outro sem se denunciarem, motivo dos disfarces. Ao se esmerarem nessa intenção, deixam suas ocupações anteriores. Há algo em comum entre eles? Quem é o homem duplicado? Em qual dos dois pode-se dizer que haja uma subjetividade singularizante? A autoconsciência exprime os vários eus criados pela imaginação dos escritores perfazendo a humanidade que, apesar de pequena consegue ser o ponto de reunião para os conflitos acontecerem.

Tal atitude define a ansiedade existencial presente em Tertuliano, à beira da depressão porque lhe falta coragem para encarar a realidade. De início, a expressão de dúvida que o move vem da decisão entre gastar tempo em preparar algo comestível ou sair para jantar; continuar o trabalho em casa ou ler um estudo das antigas civilizações mesopotâmicas. Entretanto, não está contente, tem a sensação de incompletude. Conforme o narrador faz questão de enfatizar, ele é “gente comum”, tanto é corajoso quanto covarde. Ao assistir Quem Porfia Mata a Caça, o herói duplicado se impressiona com a visão semelhante do ator, isto o assombra porque na verdade existe um prenúncio de diversidade da vida, da qual ele fugirá. Preso entre maneiras distintas de ser humano e viver a vida, o protagonista se debate com questões tais como: Quem é esse homem do filme? Qual o seu nome? Como ninguém reparou em tal semelhança? O professor então decide sobre a necessidade de encontrá-lo apesar do perigo que isso representa. Ele está localizado num mundo fragmentado, episódico e hostil, por isso tenta escolher embora saiba dos limites, dos recursos escassos à mão. Na empreitada, vem uma sensação de vazio crescente até sacudi-lo com a revelação da existência de um homem visto como seu vivo retrato, a perturbação é inevitável. Fisicamente vê a possibilidade do ser humano repetir-se. Mas, a idéia de duplicação faz Tertuliano se espantar, logo ele que se enxerga como um erro. O quebra-cabeça emoldurado pelo curso da vida que se tem – eu mesmo – perfaz a insegurança existencial, nisso há um desmoronamento físico e moral, os problemas se aglomeram e o mais contundente é se responder: que é ser um erro? Aos poucos compreende que as escolhas à vista também significam a probabilidade de uma permanente ansiedade de estar errando. *O homem duplicado* ao apresentar algumas das perplexidades do mundo contemporâneo, prioriza a aflição do homem atual não somente quanto às questões materiais, sobretudo o se sentir vazio e aborrecido com tudo.

A Literatura marcada pela presença do homem cujas vozes variadas aí se instalam, fala de um indivíduo que perdeu o sustentáculo, adequado à angústia da incerteza. Esse dado extrapola a compreensão do romance um tanto reduzida de Sandra Ferreira (2007, p. 03) para quem o livro ecoa as antigas oposições binárias: original e cópia; amor e ódio; eu e outro; vida e morte. É importante ressaltar que nosso objetivo é estudar o personagem principal do romance enquanto representante de certo modelo de mentalidade, base de auto-compreensão da contemporaneidade que é o Pós-modernismo e como tal, não é uma tarefa que

possa se estabelecer de imediato ou de forma conclusiva. O escritor no conjunto de sua obra vê no homem, a possibilidade de se encontrar, provocar mudanças. A narrativa ao fazer referência às questões como a individualidade, acirrada na Pós-modernidade (período histórico específico) já se caracteriza como uma questão por si só filosófica.

O professor de História antes submisso e amigável passa a ser outra pessoa. Quer se conhecer. Esta é uma mudança observada pelo narrador quando defende: o homem “não havia mudado” (SARAMAGO, 2002, p. 43), é o mesmo de todos os tempos no sentido de se lançar ao desconhecido. O diferencial na narrativa contemporânea, esse algo que não muda está na vida pessoal do protagonista de *O homem duplicado*, feito uma interrogação. Instaurada a crise da representação, o agravante é o desnorteio que o atinge na disjunção entre o seu corpo e o do outro num ambiente que já não é tão particular quanto imaginava. Na concepção da gente de seu convívio, o professor transmite uma imagem de serenidade, longe, portanto daquele turbilhão que o atormenta. Pois bem, sabemos de sua intimidade, a esta altura estraçalhada pela aparência dividida com outro. Entretanto, não é possível dizer que podemos dotar o sujeito individual de um sentido assegurado de seu lugar no mundo, uma vez que a distância existencial entre eles é quase imperceptível, tal a semelhança.

Comportamento este observado na individualidade em teste do personagem duplicado, por isso atormentado pela incompreensão. O dissenso que o protagonista representa dimana a afirmação da subjetividade descentrada a que o Pós-modernismo problematiza. Tertuliano quer se sustentar enquanto não equivalência, ao mesmo tempo tenta recuperar a capacidade de agir e lutar em prol de seu objetivo. Embora isto fique mais no nível da discussão entre ele e a voz desconhecida, a estranha presença que o acompanha em momentos críticos, assim como a conversação com o senso comum. O que acaba num arremedo porque em cada máscara se descobre o sujeito provisório e plural.

Diante dessa vida que não se explica, o homem está sempre imbuído mais de perguntas do que respostas. Característica intensificada no tempo repleto de contradições no qual se insere a escrita de Saramago. Ao tratar a pessoa, homem ou mulher em sua obra, muitas vezes o vê despedaçado no interior, cheio de solidão, desamparo e timidez. Como na constatação do narrador: “Há coisas que nunca se poderão explicar por palavras” (SARAMAGO, 2002, p. 60) sendo assim,

resta viver aquilo que elas não abarcam, como o faz o protagonista do romance ao lidar com a euforia e as intensidades de uma experiência sem par. Há na consciência arguta deste ser fictício, o valor e significado a serem respeitados no que concerne à diferença e alteridade característicos do Pós-modernismo. De certa forma, o comportamento pacato e submisso do protagonista é interpelado como sujeição à condição de trabalhador ordeiro, dócil e cidadão obediente, atingido pela duplicação.

O personagem principal em dobro se move entre a pouca confiança em si mesmo e a volubilidade dos sentimentos. Se não temos heroísmo a discutir, tampouco podemos cogitar de seus aparecimentos públicos como desvendamento da representação pessoal. Divorciado por causa de um contínuo definhamento do casamento, vive num retraimento suscetível de se envolver nas questões do “eu”. Mas porque não o faz, ou faz de forma inconseqüente? Ou ainda, porque adia tanto? A fachada de civilidade que o afasta dos outros e ainda mais de si mesmo, gera uma opressão crescente à medida que parece inadiável voltar-se aos interesses da personalidade. No ensimesmamento em que está mergulhado, o ato de assistir o filme *Quem Porfia Mata a Caça*, ao invés de retirá-lo deste estado, provocará a sensação de divisão, perda de algo que nunca foi seu. A instabilidade, o paradoxo nos gestos empreendidos na procura do ator, faz o professor um homem do mundo pós-moderno dado à ruptura, deslocamento e descontinuidade – ao movimento mais da mente que do corpo – portador de subjetividade delirante, ele é o sujeito desunificado no que há de horror nisso, também descentra o que vive, ama ou vilipendia.

Descobrir a intimidade incrustada em outro homem, pode representar uma auto-libertação? As indagações suscitadas pelo desempenho do personagem principal de *O homem duplicado* nos conduzem a ver esta criatura como viva e expressiva, inclusive pelo fato de que a cultura pós-moderna atesta um esmaecimento do afeto. Ansiar pela individualidade fora dele, uma vez que experimenta o desaparecimento de si enquanto sujeito individual; propor-se o enigma e estendê-lo ao outro e com isso iniciar uma reviravolta no “eu”, são incumbências auto-impostas pelos seres ambientados nesse romance.

Quando nos propomos a pensar o homem na obra do romancista português é devido nosso interesse pelo ser humano, o qual nos faz enxergar nos seres ficcionais criaturas que guardam muitas imagens de si sem, no entanto, se identificar

a qualquer delas. Apesar ou mesmo por causa, como assinalamos anteriormente, de Tertuliano mostrar-se enfraquecido da vontade humana, experimenta ativamente a história que não teve oportunidade de ensinar: a sua. Afirma não saber o que é, somente quem é, assim mesmo de forma pouco apreensível. Como o encontramos no ir e vir à locadora de filmes e o contato inevitável com o atendente, irônico com o nome pouco comum do cliente. Cabe neste momento perguntar com Tertuliano: que fará “depois de saber que esse homem entrou em quinze ou vinte filmes,(...)” “Conhecê-lo” (SARAMAGO, 2002, p. 75) é a resposta que vemos enquanto atitude. Conhecimento sinônimo de trabalho, cogitações a respeito de um “eu” estranho ou de indícios de alguém que se vê, mas, se retira de cena. Ao tratarmos do desnudamento interior de Daniel Santa-Clara, inferimos daí a ação direcionada ao mesmo Tertuliano. Este assume pela primeira vez correr riscos, por isso o tratamos enquanto ser humano apto a sentir com a percepção da personalidade. Ora, muitas vezes nos deparamos com esse personagem se vendo incapaz de produzir representações de sua própria experiência: como corpo pós-moderno duplicado no labirinto da cidade onde vive, interminável nas imagens repetidas.

É de consenso nos textos teóricos apontar o sujeito pós-moderno eivado pelo provisório, variável e problemático não possuindo uma configuração fixa, essencial ou permanente. Entretanto, isto não é suficiente para a compreensão do *homo fictus*. Nosso esforço inquiridor ao estudarmos as vicissitudes do protagonista da narrativa cujo homem encontra-se duplicado, é apreender que isso ocorre em relação direta com o senso comum. O mundo mais humano em que a cultura assume a forma de uma segunda natureza faz do Pós-moderno a busca por rupturas, eventos ao invés de novos mundos. Por esta consideração, vemos que o protagonista pode ser visto na disjunção entre o corpo e o ambiente de tal forma que a distância, abolida, provoca o inebriamento na jornada existencial desse sujeito. O tempo vivido pelo homem na literatura do século XXI enquanto lhe proporciona liberdade, traz a impotência para usufruí-la, tamanha sua falta de localização, não em termos geográficos, mas de se situar numa escala social e espacial passíveis da individuação que o sujeito pós-moderno se ressent, conforme defende Fredric Jameson (2004, p. 79).

Entre os diversos sentimentos experimentados pelos personagens, há mais que desencantamento, é a questão irresoluta, a presença de uma verdade que tenta de início suplantar outra. Máximo possui a falsa consciência de si, preocupação

intermitente sobre aquilo que lhe ocorrerá na vida, fato essencial para nos inteirarmos do contorno humano no livro. Como entender seus passos, a vacilação diante de decisões inadiáveis? A humanidade requerida ao longo da narrativa, o ir além da objetividade vai ao encontro de uma descrença normativa ou qualquer espécie de ordenamento, bem como da minorada extensão do pensamento entre os personagens. Visto por este ângulo chegamos à crítica ao homem duplicado, perdido por não entender seu lugar na vida, no caos, ainda assim está investido da necessidade de investigar a ordem que possa se encontrar aí. Das contradições que isto pode oferecer, surge o homem cômico de que “uma parte de si está ausente” (SARAMAGO, 2002, p. 157). Seriam as emoções, por vezes perturbadas? Esquecidas? Desnecessárias?

Na discussão sobre quem seria o primeiro ou o segundo homem, quando há o encontro entre Tertuliano e António Claro, no instante em que se olharam desviaram a vista como se temessem encarar a realidade. Por causa disto, nem o professor nem o ator serão os mesmos. Eles querem a diferença, até o minuto que os separam no nascimento. Podemos afirmar que esta atitude ou posição a demarcar, vem questionar aqueles postulados éticos pretensamente universais de fazer do homem um conjunto de reações previsíveis. Ao contrário, depois do encontro dos protagonistas, o que emerge na narrativa é a luta pela particularidade sem grandeza a atingir, aguçados em sensibilidade para a diferença, ao mesmo tempo os personagens suportam o incomensurável.

Entender e exprimir o mundo literário habitado pelo ente fictício é, além disso, vê-lo procurar se ver enquanto uno num mundo contrário a esta idéia. Como se fosse duas faces da mesma moeda, os personagens apresentam emoções plurais como a covardia de Tertuliano ou a vingança de António em tudo reveladoras da humanidade presente na Literatura de José Saramago. Não nos cabe aquilatar quanto há de emancipação na experiência ou na falta dela referente aos protagonistas de *O homem duplicado*, porém, aprender quanto às imagens podem ser reveladoras. Entregues a si mesmos, os homens literários adquirem a consciência de que isto não é o bastante.

O professor que ensina História e se encontra enfadado por repetir os mesmos conteúdos do passado, deixa entrever que a História humana é por demais conhecida e a repetição do homem sendo previsível exige, contudo, interferência no presente. Quer ensinar invertendo os tempos dando ênfase na atualidade, mas, é

ridicularizado nas reuniões em que sua opinião é descartada. Quando finalmente o diretor solicita-lhe a confecção de um estudo defendendo seus pontos de vista, o trabalho é feito, apenas não vemos a execução devido o envolvimento com o caso do duplicado. O mestre da sala de aula investiga, por fim encontra e conhece o ator Daniel Santa-Clara, o outro de António Claro, por sua vez é o mesmo Tertuliano. Todavia, o reconhecimento em pauta não visa num primeiro momento transformar e sim suplantar o igual a fim de garantir a sobrevivência unívoca. Afinal, haveria possibilidade de escolha se fosse o contrário? Podemos falar em sobrevivência?

As imagens do homem em frente a uma porta fechada bem como daquele que se olha no espelho e não mais se envaidece a ponto de se inebriar com a própria visão, pelo contrário, desvia o olhar por ser insuportável, são ingredientes da Literatura envolta nos domínios da criatura ficcional. Fato motivador de interesse por causa do silêncio sobre a vastidão aberta ao imaginário. Seria a dissolução do “eu” um aforisma a combater? Ele é a causa da duplicação do homem? A expressão artística típica da Literatura observa os personagens na peculiaridade de inserção no mundo. Na ocorrência narrativa vem o sentir mais aguçado como em: “(...) isto que agora estou a sentir poderia não ser mais que uma memória de mim mesmo historicamente activada.” (SARAMAGO, 2002, p. 82), efetivamente não é? Se resgataremos as palavras do narrador acerca do homem não ter mudado, veremos tratar-se de uma vivência repetida enquanto busca, contudo, se diferencia pela recusa das afinidades entre os personagens. Neste caso, os iguais se expõem.

Verdade, mentira, preciso ou relativo são pontos indicadores do “apodrecimento” das pessoas, segundo o professor de História – para quem o convívio é um empecilho para o homem se inteirar de si – passamos então a questionar o que seria essencial ou provisório *ad hominem* nas concepções mutáveis do sujeito, encontradas na figura de Tertuliano. Como lhe atribuir um sentido? Se não há mais ordem a estabelecer qual lugar podemos lhe assegurar? Pelo fato de se colocar em questionamento e de um possível sentido de si, faz do homem duplicado o sujeito humano cuja identificação se desloca à medida que se vê desvinculado da idéia de um modelo a seguir. Sozinho, vigilante, ele é alguém impactado pela necessidade de reinvenção das diferenças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDERSON, Perry. **As origens da Pós-modernidade**. Tradução de Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999

BAUDRILLARD, Jean. **A troca impossível**. Tradução de Cristina Lacerda e Teresa Dias Carneiro da Cunha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002

FERREIRA, Sandra Aparecida. O original e a cópia (sobre *O homem duplicado* de José Saramago). In: XI ENCONTRO REGIONAL DA ABRALIC, São Paulo, 2007 (CD-ROM)

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2002

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-modernismo**: História, Teoria e Ficção. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo** – A lógica cultural do capitalismo tardio. Tradução de Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Ática, 2004

KAPLAN, E. Ann. (Org.) **O mal-estar no Pós-modernismo**. Teorias, práticas. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1993

LINS, Ronaldo Lima. **A indiferença pós-moderna**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004

SARAMAGO, José. **O homem duplicado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002